



Diálogos

ISSN 2177-2940



A Guerra *Guasu* na construção da identidade nacional no Paraguai

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56818>

Marcela Cristina Quinteros

 <https://orcid.org/0000-0001-8376-947X>

Rede Ñande; GP UFMS e UEM,, Brasil. E-mail: marcelacristinaquinteros@gmail.com

A Guerra *Guasu* na construção da identidade nacional no Paraguai

Resumo: Este artigo traz uma reflexão sobre como e por que a Guerra *Guasu* ou Guerra da Tríplice Aliança permanece na memória dos paraguaios como parte da identidade nacional. Partindo-se do pressuposto de que o Paraguai teve que atravessar por um processo de reconstrução simbólica após a derrota de 1870, se analisam as diferentes ressignificações dos mitos consagrados pelos revisionistas, ao longo do século XX, com o objetivo de identificar de que maneira esses mitos permearam as práticas políticas e culturais.

Palavras-chave: Revisionismo Histórico Paraguuaio; Guerra *Guasu*; Reconstrução simbólica.

The *Guasu* War in the construction of the national identity in Paraguay

Abstract: This article analyses how and why the Guasu War or the Triple Alliance War remains in the memory of Paraguayans as part of their national identity. Starting from the idea that Paraguay had to go through a process of symbolic reconstruction after the defeat of 1870, the different resignifications of the myths consecrated by the revisionists throughout the 20th century are analyzed, in order to identify how these myths permeated political and cultural practices.

Key words: Historical Paraguayan Revisionism; *Guasu* War; Symbolic reconstruction.

La Guerra *Guasú* en la construcción de la identidad nacional en Paraguay

Resumen: Este artículo trae una reflexión sobre cómo y por qué la Guerra *Guasú* o Guerra de la Triple Alianza permanece en la memoria de los paraguayos como parte de la identidad nacional. Partiendo del presupuesto de que Paraguay tuvo que atravesar por un proceso de reconstrucción simbólica después de la derrota de 1879, se analizan las diferentes resignificaciones de los mitos consagrados por los revisionistas, a lo largo del siglo XX, con el objetivo de identificar de qué manera estos mitos permearon las prácticas políticas y culturales.

Palabras clave: Revisionismo Histórico Paraguayo; Guerra *Guasú*, Reconstrucción simbólica.

Recebido em: 23/11/2020

Aprovado em: 14/12/2020

Introdução

O Paraguai, pela sua história bélica, bem poderia ser comparado com os casos alemão e japonês. Após sofrerem derrotas traumáticas, essas nações tiveram que se reerguer, reconstruindo-se material e simbolicamente. Mas, diferentemente da Alemanha e do Japão, que foram os principais vencidos na Segunda Guerra Mundial, a grande derrota do Paraguai aconteceu há 150 anos contra a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil, Uruguai) e, apesar da distância temporal, se mantém viva na memória dos paraguaios quase como uma marca de nascimento.¹ Porém, essa permanência, e o modo como ela foi se dando, é uma construção histórica sujeita às disputas pela memória e pela escrita da história.

Uma prova da atualidade da guerra oitocentista é o modo como o Paraguai levou adiante suas campanhas publicitárias para prevenir o avanço da atual pandemia de Covid-19. A propaganda nos meios de comunicação foi um instrumento muito importante para promover um novo comportamento social na população (com a adoção do confinamento e do distanciamento social), além de implementar outras medidas (fechamento de pontos fronteiriços, suspensão de voos e viagens rodoviárias, proibição da entrada e saída de pessoas do país, construção de valas nas fronteiras terrestres, entre outras).

Algumas das peças publicitárias difundidas na televisão paraguaia estão disponíveis *on line*, permitindo fazer algumas considerações. Elas foram elaboradas tanto por órgãos oficiais (governamentais) quanto particulares (empresariais). Umas e outras fazem um claro apelo ao passado bélico para retomar diversos conceitos que se mostram úteis nesta nova realidade. Para exemplificar, aqui foi escolhido o anúncio veiculado pelo governo nacional, de 1 minuto e 26 segundos de duração, que apresenta um texto falado (ao mesmo tempo, legendado), acompanhado por várias imagens pictóricas, fotográficas e fílmicas. Segue o texto com a descrição das imagens que o acompanham:

Anúncio publicitário do governo paraguaio contra a Covid-19 (DNM, 2020)

Mensagem oral (legendada)	Imagens que acompanham o texto
<i>Cerro Corá, 1 de marzo de 1870</i>	Filme de um campo de batalha, em que aparecem corpos sem vida e armas abandonadas, mas a bandeira do Paraguai está em pé, embora desgastada e em fiapos. No fundo, o sol brilhante surge iluminando o cenário.
<i>Como en Tuyutí y</i>	Pinturas das duas batalhas da Guerra <i>Guasu</i> .

¹ Para evitar a repetição, serão utilizadas as diversas denominações dadas à guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, como se fossem sinônimos. Mas, como bem salienta o historiador uruguaio Tomás Sansón, a “polissemia nominativa utilizada para referi-la – Guerra da Tríplice Aliança, Guerra do Paraguai, Guerra Grande, Guerra *Guasú* – reflete a falta de consenso hermenêutico entre os pesquisadores e os incômodos políticos e ideológicos que provoca sua evocação” (SANSÓN CORBO, 2015, p. 955).

<i>Curupaty,</i>	
<i>Como en Boquerón y en Nanawa,</i>	Fotografias de soldados da Guerra do Chaco (armados em uma trincheira, lutando e marchando por um caminho de terra).
<i>La historia vuelve a llamarnos Para defender nuestro suelo,</i>	Retoma a imagem da bandeira desgastada, em Cerro Corá, junto aos apetrechos de guerra.
<i>Pero ante un enemigo muy diferente,</i>	Gravações atuais de um hospital em Wuhan, de um avião e de um apresentador estadunidense passando as notícias da nova epidemia.
<i>Un enemigo invisible,</i>	Fotografias de um cientista com microscópio e do vírus.
<i>Que ataca de maneras impensadas Y causa mucho daño en muy poco tiempo.</i>	Imagens de jornais (com manchetes sobre a epidemia e as medidas de confinamento).
<i>Pero nuestra fuerza de combate Hoy no está en las armas, Hoy no está en las armas, Está en la unión de siete millones de paraguayos</i>	Pessoas andando sozinhas, vistas de costas (um homem, uma mulher, uma anciã, uma criança), no meio da rua e à noite.
<i>Comandados por sus héroes más valientes. ¿La estrategia?</i>	Fotografias de agentes da saúde.
<i>Mantenerse en la trinchera, Seguir las instrucciones Y apoyarnos entre hermanos</i>	Flashes acelerados de fotografias de famílias e de trabalhadores.
<i>Estas horas pasarán a la historia Como una de nuestras batallas más épicas, Con la fe puesta en que cuando todo pase Vamos a construir un Paraguay mejor.</i>	Flashes acelerados de fotografias de operários, farmacêuticos, policiais, motoristas, jornalistas, pedreiros, camponeses, etc.
<i>Porque el verdadero lema del valor</i>	Imagens (pinturas e fotografias) de heróis nacionais (Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos López, Francisco Solano López, José E. Díaz, Eusebio Ayala, Rafael Franco, Félix Estigarribia).
<i>Que siempre ha de seguir La raza paraguaya. ¡Es vencer Y vivir!</i>	Retoma a imagem evocativa de Cerro Corá, com a bandeira ruída e o sol mais alto, iluminando. Uma menina surge, aproximando-se desde o horizonte em direção à câmera, pegando a bandeira e gritando feliz, como um triunfo final...
<i>#venceryvivir</i>	Brasão da República do Paraguai.

Algumas das palavras escolhidas na mensagem encerram conceitos cunhados pelo revisionismo histórico paraguaio ao longo do século XX. Vários deles remetem à guerra de um modo abstrato (defender, atacar, vencer, força de combate, armas, inimigo, heróis, valor, estratégia, batalha); outros referem-se especificamente às guerras contra a Tríplice Aliança e do Chaco (Cerro Corá, Tuyutí, Curupaty, Boquerón, Nanawa). As imagens – que, por vezes, se sucedem quase freneticamente – ajudam a enfatizar estes conceitos, definindo velhos e novos campos de batalha, velhos e novos heróis, velhas e novas armas, velhos e novos inimigos. Entretanto, outros conceitos

representam o imanente, o permanente, o “eterno”: a “epopeia” da luta, a “raça paraguaia”, a “coragem”.

Quando o anúncio publicitário estabelece um diálogo entre passado e presente através das imagens, o faz dando nomes concretos aos heróis e aos campos de batalha do passado para assim promover a consolidação das novas trincheiras (hospitais, ruas, casas de família, lugares de trabalho) e dos novos heróis (agentes de saúde, trabalhadores, famílias), agora anônimos. O que os define e une, tanto no passado quanto no presente, é o seu pertencimento à “raça paraguaia”. Defender o “nosso solo” faz parte da idiossincrasia do “ser paraguaio”, porque sua principal qualidade é a “coragem”.

Essa identidade com o passado os irmana na paraguaidade, reconhecendo-se nos heróis com nome e sobrenome do passado (os quais, não precisam de apresentação, bastam apenas as suas imagens), para se converterem em ferramentas da coragem do presente que garantirá ao Paraguai um futuro melhor. São os mesmos personagens históricos que se encontram no Panteão Nacional dos Heróis, lugar de disputa simbólica por excelência – se contabilizarmos os numerosos debates legislativos para a incorporação de “novos” heróis e pelas múltiplas reformas que o prédio atravessou.

Por que é tão vívida a Guerra da Tríplice Aliança na memória dos paraguaios? De que modo e por que o conflito bélico foi ressignificado inúmeras vezes? Responder essas perguntas supera o espaço de um artigo, mas sim é possível tentar compreender – a partir da seleção de alguns elementos culturais e políticos, bem como de alguns momentos da história paraguaia – que a recuperação positiva do conflito bélico do século XIX é uma construção histórica que teve e tem seu reflexo nas práticas culturais e políticas.

A violência política, que marcou a história independente da América Latina, parece cobrar maior intensidade no Paraguai, depois de o país atravessar duas guerras internacionais (a Guerra Grande e a do Chaco), por inúmeros confrontos internos (principalmente na primeira metade do século XX) e pela ditadura mais longa da história do continente (com Alfredo Stroessner, entre 1954 e 1989). Para este artigo, foram escolhidos alguns fatos decisivos na história e na escrita da história do Paraguai. Entre eles, o início do revisionismo histórico paraguaio, nas primeiras décadas do século XX; o estímulo do patriotismo, durante a Guerra do Chaco; a polarização da sociedade paraguaia, durante a Guerra Civil de 1947; e a adoção do revisionismo como história oficial do Paraguai, durante o stronismo no âmbito da Guerra Fria.

A reconstrução simbólica do Paraguai

Após o Paraguai ser derrotado pela Tríplice Aliança, em 1870, o cenário era desolador por conta da devastação provocada pelos longos cinco anos – traduzidos em perdas territoriais, materiais e humanas. Os anos seguintes foram de inúmeras tentativas de reconstruir um país arrasado. As elites tiveram que conciliar a necessidade de reestruturar a economia com uma população dizimada e organizar um Estado que surgia, segundo a Constituição de 1870, fiel ao modelo liberal argentino. A passagem do exército brasileiro de ocupação, a crescente presença de empresários argentinos e a narrativa dos vencedores aumentaram a percepção de que a derrota devia ser repensada em termos de identidade e de memória, de modo a reconstruir também uma simbologia que desse fundamentos para uma autoestima positiva. Assim, a reconstrução simbólica do Paraguai era necessária e paralela à reconstrução política e econômica.

A tarefa coube aos intelectuais que, na virada de século, debruçaram-se para revisitar esse passado. Para isso, a criação do Colégio Nacional (1877), do Ateneu Paraguaio (1883) e da Faculdade de Direito da Universidade Nacional (1889), em Assunção, deu as condições para o surgimento de uma elite intelectual que encabeçaria os debates e a produção literária entre fins do século XIX e início do XX.

A polêmica jornalística travada em 1902, entre Cecilio Báez e Juan O’Leary, é considerada o ponto inicial do revisionismo histórico paraguaio e a base para que a sociedade paraguaia se reerguesse depois do trauma da guerra. Mas, para Liliana Brezzo (2007), a origem dos mitos fundadores da memória nacional deve ser rastreada alguns anos antes, nos escritos do paraguaio Blas Garay e do argentino Martín Goicoechea Menéndez.

Garay contribuiu para construir dois mitos patrióticos: o da pátria indígena e o da idade de ouro. O autor situava o início da nação paraguaia no povo guarani estabelecido na região antes da conquista europeia. Este mito não teve peso na reconstrução da memória nacional, mas acabou evoluindo em outro mito fundador – que foi o da pátria mestiça. O mito que prosperou foi o da idade de ouro, identificada com a presidência de Carlos Antonio López. Por sua vez, Goicoechea Menéndez, que morava em Assunção desde 1901, destacou a coragem do povo paraguaio e o papel heroico das mulheres (MOREIRA, 2010).

Outro dos precursores do revisionismo paraguaio foi Manuel Domínguez. Em 1903, sendo vice-presidente do país, proferiu uma conferência no Instituto Paraguaio, intitulada “Causas do heroísmo paraguaio”. O ponto de partida de toda a reflexão era a resposta às afirmações do embaixador norte-americano Washburn – o qual havia atribuído as causas do heroísmo dos soldados paraguaios na guerra ao medo que tinham do Marechal López. Nessa palestra, Domínguez (1946) elaborava o mito da mestiçagem racial como origem da nação e considerava que as raízes

desse heroísmo estariam na nação guarani. O heroísmo teria se mantido ao longo do tempo graças à mestiçagem do povo paraguaio.

Após a polêmica de 1902, Juan O’Leary se converteu na principal referência do revisionismo paraguaio, ao reunir os conceitos de Garay, Domínguez e Goicoechea Menéndez e recuperar tanto a figura de Solano López como herói nacional – que lutou “até a morte” defendendo a pátria –, quanto reinterpretar a derrota bélica de 1870 como uma “epopeia nacional” (BREZZO, 2014).

Três momentos foram chaves para a consagração do revisionismo: no cinquentenário do fim da guerra (1920), no natalício de Francisco Solano López (1926) e no traslado de seus restos ao recém-inaugurado Panteão Nacional do Heróis (1936). Essas datas mobilizaram um exército de escritores, jornalistas, políticos e artistas lopistas, promovendo uma expansão progressiva dos debates intelectuais aos bairros assuncenos e ao interior rural. A expressão musical foi um espaço privilegiado para a difusão do lopismo e sua apropriação pelos setores populares.

O’Leary foi seguido por intelectuais mais novos – “discípulos”, como Juan Natalicio González –, que completaram com novos elementos essa história revisitada e contribuíram para sua difusão fora do Paraguai. Além de reforçar os conceitos de uma idade áurea, do heroísmo de Solano López, da coragem do povo e da “raça paraguaia”, González reelaborou o conceito de imperialismo, que aparecia de forma tímida nos primeiros escritos revisionistas, associado ao Brasil. A influência de intelectuais argentinos, que viam a hegemonia econômica da Grã-Bretanha como o grande obstáculo para o desenvolvimento da região, levou os revisionistas paraguaios a identificar a Inglaterra como a verdadeira causadora do conflito bélico (QUINTEROS, 2016).

Em síntese, os revisionistas paraguaios reescreveram a história sobre a ideia da coragem do povo paraguaio por pertencer a uma raça ímpar, o que teria levado em todas as ocasiões – e principalmente durante a Guerra *Guasu* – a defender a pátria até as últimas consequências, sem rendição. A identificação de um período áureo com os governos dos López (quando o Paraguai teria se convertido em um país desenvolvido economicamente, a ponto de preocupar o império britânico) completava a visão de um povo capaz, forte e autônomo. A compreensão de que seus governantes lideraram esse processo os converteu em heróis de um “Paraguai Eterno” – que enfrentava as ameaças externas, sempre à espreita.²

² Uma das obras mais conhecidas de Juan Natalicio González foi *El Paraguay Eterno*, na que o autor volta-se sobre a ideia do Paraguai como “entidade espiritual” que manteve seus “atributos vitais” ao longo de toda sua história, originados no marco geográfico e “nas duas raças que constituem a raiz étnica do paraguaio”, ou seja, a guarani e a espanhola. Esse Paraguai autóctone estaria ameaçado pelo mimetismo, pela cópia de modelos europeizantes (GONZÁLEZ, 1935, p.3-9).

A Guerra como estímulo para a Guerra

A identificação dos “inimigos” cobriu um amplo espectro, que incluía estrangeiros e nacionais. Quando do conflito limítrofe com a Bolívia, o país encontrava-se sob a hegemonia do Partido Liberal desde 1904. Um número expressivo de revisionistas pertencia à Associação Nacional Republicana ou Partido Colorado, críticos do modo em que os liberais conduziam as relações com o país vizinho.

A disputa pela região do Chaco era de longa data. De fato, quando Garay publicou suas quatro obras de história, em 1897, recuperadas por O’Leary, ele respondia a um chamado do governo paraguaio de investigar e reunir documentação vinculada à história do Paraguai nos arquivos da Espanha, especialmente àquelas que servissem para fundamentar os direitos do país sobre o Chaco.

Enquanto a disputa se prolongava por mais de três décadas, os atritos fronteiriços se intensificaram no início da década de 1930, dando lugar a protestos e exigindo respostas mais enérgicas por parte do governo nacional perante o que entendiam um avanço da Bolívia sobre território paraguaio.³ Os governos liberais foram acusados de não prepararem suficientemente o país diante da “ameaça boliviana”. No olhar dos nacionalistas, liberais e bolivianos ocupavam níveis diferentes na escala de inimigos da nação.

Os intelectuais lopistas entendiam ser necessário restituir a memória coletiva de um passado heroico e cheio de grandeza. Uma história com ênfase no aspecto bélico, que identificava como adversário o Partido Liberal – pela sua “ideologia exógena” à idiossincrasia paraguaia – e que via nessa ameaça externa a fonte para um forte sentimento identitário e patriótico. Contraditoriamente, esta reconstrução também foi uma ferramenta de eficaz operação e mobilização usada pelo governo liberal, dado o contexto do crescente conflito que se avizinhava com a Bolívia.

Finalmente, com o estalo da contenda, governo e oposição acordaram uma trégua em seus confrontos domésticos. Enquanto uns organizaram as estratégias de luta no campo de batalha, outros se entregaram à luta no campo jornalístico. A revista *Guaranía*, criada e dirigida por González em 1920, em ocasião do cinquentenário da batalha de Cerro Corá, foi retomada em 1933 para ser “intérprete de seu povo” e mostrar ao mundo que:

³ Provavelmente, os acontecimentos do 23/10/1931 marcaram o momento mais tenso entre governo e oposição, quando uma manifestação estudantil que reclamava a defesa do Chaco, dirigiu-se ao palácio presidencial. O episódio, com mortes e feridos, foi muito explorado pela oposição, com os colorados renunciando a seus mandatos legislativos e com alguns deles sendo expulsos do país (VERÓN, 2013).

Los soldados paraguayos que mueren y triunfan en el Chaco al defender el suelo de la patria, sirven al propio tiempo la causa del espíritu, salvan de la destrucción la cultura elaborada por nuestros mayores. Cumpliremos inflexiblemente con el deber de servir estas verdades sencillas y fuertes, para que los intelectuales de América penetren el sentido íntimo de la guerra que el Paraguay aceptó en defensa de su destino amenazado (EDITORIAL 20/11/1933, p.1).

Assim como no anúncio publicitário de 2020, o editor da revista entrelaçava passado, presente e futuro para salvaguardar o “espírito” da “pátria” defendendo o Chaco, porque o Paraguai “preferirá se converter em escombros antes que ceder uma única polegada desse território” (EDITORIAL, 20/12/1933). Por sua parte, O’Leary contribuía, no mesmo número, com um artigo reforçando a ideia da coragem e da persistência dos soldados paraguaios que, herdeiros da “espada gloriosa de Tuyuti e Curupayty”, estavam consagrando novos cenários bélicos e novos heróis para relatar a epopeia paraguaia (O’LEARY, 1933). Publicada durante três anos, a *Guarania* resgatava consistentemente cada aniversário de Cerro Corá com notas de velhos e novos revisionistas, colocando em evidência a renovação do movimento.

Ao completar-se o primeiro aniversário da revista, em 20/11/1934, foi publicado seu número mais volumoso. Na nota editorial, González exibia, com orgulho, as vitórias paraguaias no Chaco – fruto das “virtudes raciais do povo paraguaio” – e insistia na necessidade em defender o território paraguaio como suporte da mais antiga e alta cultura americana. Assim, esse número foi dedicado ao “heroísmo de nossos soldados”, com vários artigos que salientam a história e as características culturais do Paraguai.

A partir de 1934, os artigos sobre a Guerra do Chaco se multiplicaram. Mas, a novidade residia em que agora a *Guarania* incorporava mais escritos sobre anti-imperialismo, entre eles, os discursos do senador norte-americano democrata Huey Long. Como legislador e ex-governador da Louisiana, o polêmico Long desenvolveu parte de sua carreira política fazendo sérias críticas à empresa petrolífera *Standard Oil*.⁴

Para Long, “as forças das finanças imperialistas eram as responsáveis pela guerra entre a Bolívia e o Paraguai” (LONG, 1934).⁵ Especificamente, ele acusava a *Standard Oil* de induzir a Bolívia a essa guerra para obter acesso direto até o rio Paraguai, para poder escoar a produção da exploração petrolífera que já estaria sendo feita em seu território.

⁴ Parte da polêmica com a *Standard Oil* é referenciada na página dedicada a Huey Long (LONG, s/d) e ela é considerada um dos motivos de seu assassinato em 1935. A trajetória política de Long foi retratada por documentos e filmes, entre eles: *KIngfish: A story of Huey P. Long* (1995).

⁵ A revista *Guarania* também publicou outro grupo de artigos sobre exploração de petróleo e imperialismo, de autor anônimo, que afirmava que os conflitos sangrentos daquele momento tinham a ver com um “número bem conhecido de personagens que disputam o monopólio” de ferro, algodão, cereais e, fundamentalmente, petróleo (EDITORIAL, 20/06/1935).

Sem dúvida, este argumento permitiu aos revisionistas paraguaios identificar o inimigo boliviano como uma marionete de interesses norte-americanos – do mesmo modo que teria acontecido com os países rio-platenses no século XIX em relação à Inglaterra. Por isto, González entendia que a vitória final seria mais do que uma vitória do Paraguai. Representaria a vitória da civilização rio-platense sobre os interesses externos ao subcontinente. O Paraguai poderia se orgulhar de “ser o campeão solitário dessa grande causa”, fruto do “heroísmo inusitado do povo guarani” (EDITORIAL, 20/12/1933; EDITORIAL, 20/01/1935).

Assim como na Guerra Grande, as “mulheres-coragem” tinham um lugar destacado nos relatos memorialísticos, tal como o fez o biógrafo de González:

Meláncolicas eran sus veladas al lado de Lydia. Algunas veces hablaban del curso de la guerra. Otras contaban anécdotas como la de Micaela Areche, una mujer que se enroló en el Ejército con el grado de Teniente, y que en el primer combate del fuerte Boquerón, tras un avance de 60 kilómetros por día, encerrada en un triángulo de fuego, al borde de un bosquecillo, encontró la muerte al iniciar un ataque, gritando a los hombres que la seguían: “¡Carguen, hijos, carguen!”.

En otras ocasiones era Lydia quien le narraba algún suceso del frente interior: el de la guerra femenina. Un día, la chispera que le proporcionaba el chipá o pan de yuca, siempre trajeada de negro, la invitó con rostro impasible a un agasajo que le daba al menor de sus hijos, antes de partir hacia el frente. Fue un convido frugal y austero. Al preguntarle Lydia si tenía más familia, rápidamente respondió la chispera: ya me mataron cuatro, ¡que se lleven al último, pues los hijos que caen en defensa de su tierra se van directamente al cielo! (GONZÁLEZ Y CONTRERAS, 1951, p.241-242)

Na mesma frequência que a narrativa revisionista sobre as mulheres na Guerra *Guasu*, a valorização da mulher na Guerra do Chaco é a partir de seu papel heroico e de entrega total à pátria. A morte não é uma tragédia; pelo contrário, é a passagem à imortalidade. Jennifer French (2015) identifica esta narrativa com o conceito psicanalítico de “pulsão da morte” e o de “sublime negativo” de La Capra para explicar como os eventos mais traumáticos podem ser transformados numa base sagrada da identidade coletiva.

A simbologia revisionista para as guerras fratricidas

Sem dúvida, o triunfo paraguaio na Guerra do Chaco deu um impulso irreversível ao revisionismo, “confirmando” o heroísmo e exaltando a “raça” dos paraguaios. Não obstante, ele não garantiu a continuidade da hegemonia liberal. A crise de 1929 e o conflito bélico tinham deixado como herança um Estado exaurido, incapaz de garantir a reinserção socioeconômica dos veteranos, propiciando o golpe militar de 17 de fevereiro de 1936, deflagrado por um dos oficiais triunfantes na guerra, o coronel Rafael Franco.

O novo governo daria mostras de pouca tolerância política, provocando sua rápida queda no ano seguinte. Porém, uma de suas marcas foi a denominada Restauração Histórica Nacional. Em março de 1936, no aniversário da morte do Marechal López, foram cancelados todos os decretos contra sua figura e ele passou a ser reconhecido como Herói Nacional Ímpar. Com a construção do Panteão Nacional dos Heróis, no centro de Assunção, ficou oficializado o culto patriótico aos governos de Francia e dos López – e o revisionismo abria o caminho para converter-se em história oficial (MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, 2011).

A partir desse momento, as tradicionais disputas bipartidárias entre liberais e colorados passaram a contar com a concorrência de outras forças, como os comunistas e os *febreristas* ou *franquistas* (movimento surgido após o golpe de 1936). Ainda assim, até a chegada de Stroessner ao poder, em 1954, o coloradismo foi construindo um percurso que o consagraria como partido hegemônico durante a segunda metade do século XX. Sem dúvida, a Guerra Civil de 1947 foi decisiva nesse processo e os elementos simbólicos aportados pelo revisionismo foram fundamentais.

Higinio Morínigo foi o oficial designado a assumir a presidência em 1940, após a morte acidental do presidente Félix Estigarribia. Embora seu compromisso fosse convocar novas eleições, manteve-se no poder até 1948 com o apoio dos setores mais conservadores e autoritários do Paraguai, bem como dos Estados Unidos – pelo menos durante a Segunda Guerra Mundial. Com o fim desta, começou a ser pressionado por uma abertura democrática, à qual deu início em 1946, ao convocar os partidos políticos a integrarem seu gabinete com vista a uma futura eleição. A “primavera democrática” durou apenas uns meses e somente os colorados permaneceram no gabinete. O descontentamento da oposição e de boa parte das Forças Armadas se traduziu na guerra civil mais sanguenta da história paraguaia, em 1947.

O conflito coincidiu com o começo da Guerra Fria, sendo os acontecimentos no Paraguai interpretados também sob a lente da suposta ameaça comunista, fazendo com que o governo dos EUA visse com maus olhos a participação de membros do Partido Comunista na rebelião e apoiasse a perseguição dos opositores por parte do governo de Morínigo (MORA e COONEY, 2009).

O moriniguismo empreendeu uma campanha propagandística, em rádio e imprensa escrita, para defender suas interpretações do conflito armado de 1947. As “plumas de Juan O’Leary, Natalicio González e Víctor Morínigo tiveram um papel-chave” na defesa escrita do governo, segundo Gómez Florentín (2013). A Rádio Nacional passou a transmitir o programa “30 minutos de verdade”, cuja chamada era: “A serviço da liberdade e da democracia. À horda líbero-franco-comunista de Concepción, opomos Deus, pátria, lar. Quem não estiver conosco, estará contra nós” (GONZÁLEZ DELVALLE, 2011, p. 97).

O oficialismo passou a empregar a denominação “Tríplice Aliança” para designar os franquistas, liberais e comunistas sublevados, estigmatizados como “legionários”, evocando diretamente o grupo de paraguaios que tinha lutado do lado das tropas argentinas durante a Guerra Grande, no batalhão dos “Legionários”. A categoria seria longamente utilizada pelos revisionistas, e muito especialmente pelo governo de Morínigo, para denominar os adversários considerados “traidores” ou antiparaguaios (MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, 2011).

Finalmente, a conspiração foi vencida pelo governo após cinco meses de guerra civil, graças a essa propaganda oficial que conseguiu mobilizar os *pynandis*, os “camponeses de pés descalços com lenço vermelho”, do lado das tropas governistas, evitando a tendência inicial a favor dos sublevados (GÓMEZ FLORENTÍN, 2013, p.15).

Entre a consagração do revisionismo e a resistência

A assimilação de “legionário” ao estereotipo de “traidor” se mostrou particularmente útil durante o stronismo, porque ela complementa o conceito de “ser paraguaio”, na medida em que este se nutre da ideia de “harmonia” ou ausência do conflito. Se a idiossincrasia paraguaia surgiu da harmônica mestiçagem entre o índio guarani e o espanhol, todo aquele que rompia com a harmonia social e política era considerado um traidor – legionário – da essência da identidade nacional. No contexto da Guerra Fria, as forças vistas como exógenas – como o comunismo –, encontravam aliados internos que se “afastavam” da essência identitária nacional, traindo à pátria.

A estigmatização dos opositores ao regime (entre os quais figuravam filiados do próprio Partido Colorado) como “legionários” serviu para legitimar perseguição, tortura, encarceramento, assassinato e/ou exílio. Agora, “legionário”, além de traidor, também era sinônimo de comunista. Assim, o discurso oficial adotava o revisionismo para definir simbolicamente aqueles que deviam ser banidos da sociedade paraguaia por serem elementos “exógenos” e/ou “perturbadores”.

O stronismo foi além, ao institucionalizar definitivamente o revisionismo como história oficial. Para isso, promoveu a publicação de textos que reforçavam os argumentos revisionistas e os completavam apresentando Alfredo Stroessner como o sucessor dos heróis nacionais; consagrou O’Leary como o historiador do Paraguai e incorporou essa história revisitada nos planos de estudo escolares.⁶

⁶ Em 01/03/1955, Stroessner descerrava, ao lado do Panteão dos Heróis, na área mais importante de Assunção, o busto em bronze de O’Leary – que, em um discurso pronunciado em Ybicuí, em 20/05/1960, era reconhecido como o historiador do Paraguai (MOREIRA, 2006, p.169).

Além de consolidar uma disciplina militar nas escolas (desfiles, músicas, etc.) e um rígido controle ideológico através do prisma nacionalista, que legitimava intervenções, perseguições, suspensões e repressão dos movimentos estudantil e docente, o stronismo teve especial preocupação na divulgação do nacionalismo e de uma história centrada nos grandes homens. Os livros didáticos foram orientados a cumprir com estes requisitos, incluindo o período stronista de modo ostensivamente laudatório e apresentando a figura de Stroessner como o “reconstrutor e pacificador” do Paraguai (VELÁZQUEZ SEIFERHELD e D’ALESSANDRO, 2018).

Se a releitura sobre o passado tinha sido uma ferramenta de reconstrução simbólica, durante a ditadura de Stroessner essa releitura permitiu consolidar uma genealogia de heróis que alcançava seu ponto culminante com o próprio Stroessner: os López (pai e filho) – Bernardino Caballero (general da Guerra Grande e fundador do Partido Colorado) – Alfredo Stroessner (“defensor da pátria” contra os “traidores” comunistas).

A reconstrução simbólica teve seus desdobramentos na produção cultural, com o resgate da cultura guarani ocupando um lugar privilegiado, principalmente em torno da língua e da mitologia. Cabe salientar que os outros povos indígenas que habitavam o território paraguaio ficaram à margem dessa narrativa, invisibilizados e, portanto, negados como parte da “paraguaidade”.

Assim, no século XX, o elemento “guarani” passou a estar presente no cotidiano dos paraguaios – através da música, da literatura, da língua, da escola, da economia. A nível do Estado, basta lembrar a reforma econômica de 1942, quando o guarani passou a ser a nova unidade monetária até os dias de hoje (SCAVONE YEGROS, 2010, p. 253). Pouco menos de uma década após o fim da Guerra do Chaco, na qual o Paraguai tinha utilizado estrategicamente a língua guarani como técnica de combate, para impedir a captação das mensagens militares por parte do inimigo boliviano, o “guarani” ressurgia oficialmente no imaginário social. Atrás foram ficando os preconceitos liberais de fins do oitocentos – em que as culturas indígenas eram associadas à barbárie. Agora, a língua guarani era resgatada no outro extremo da dicotomia sarmientina: o da civilização.

Como idioma, o guarani foi reconhecido oficialmente após um processo mais longo. Se, no início do século XX, era a língua dos camponeses do interior e seus caudilhos, enquanto a elite letrada comunicava-se somente em espanhol, após a chegada dos colorados ao poder, em 1948, e especialmente durante a ditadura de Stroessner, o guarani foi ascendendo de *status* até que, na reforma constitucional de 1967, foi reconhecido como idioma nacional (CONSTITUIÇÃO 1967, art. 5). Mas, seria só a partir de outra reforma constitucional, a de 1992, após a queda do stronismo, que o guarani foi incorporado no ensino obrigatório, para garantir que as crianças fossem

alfabetizadas em guarani ou em espanhol, segundo sua origem cultural (CONSTITUIÇÃO 1992, art. 77).

Como terminologia, a palavra “guarani”, que faz referência a “um” indivíduo, a “um” povo e a “um” idioma, enquanto “adjetivo”, migrou do gênero masculino para o feminino no contexto desse mesmo revisionismo que recuperava, em particular, a fortaleza espiritual das mulheres paraguaias. Assim, a palavra “guarania” permite designar “a” revista, “a” música, “a” letra, “a” terra – razão pela qual teve que ser reinventada como “substantivo”.

A palavra “guarania” passou a designar a música criada por José Asunción Flores, em 1925, com o objetivo de resgatar as raízes musicais do Paraguai. O poeta Manuel Ortiz Guerrero foi o responsável por escrever a letra desse novo ritmo musical (ROA BASTOS, 1944). O nome já tinha sido usado por Juan Natalicio González para nomear sua revista. Mas, o próprio Flores esclareceu que tinha tomado a palavra de um poema de Guillermo Molinas Rolón, escrito em 1910 (BENÍTEZ, 1986).

Segundo Luis Szaran (2010), entre 1925 e 1950, a música paraguaia foi testemunha de uma geração de ouro que difundiu o cancionero popular de polcas e guaranias, do qual Flores era um dos mais destacados representantes. A arpa paraguaia adquiriu um enorme protagonismo nas execuções musicais e a polca – cujas origens geralmente são vinculadas a raízes europeias, mas que, segundo alguns pesquisadores, tem influência de ritmos indígenas – trazia ao primeiro plano o *jopará* – versão local do guarani com o espanhol (ÁLVAREZ, 2002, p. 15-17).

Mas, a presença do guarani ia além do ritmo e da língua. A mitologia inspirou Agustín Pío Barrios, um dos compositores clássicos para violão mais virtuosos em nível mundial. Quando, em 1932, se apresentou para dar um concerto, no Brasil, ele apareceu sobre o cenário vestido de índio (MONTIEL, 2014). Na ocasião, o músico disse que estava ali como Nitsuga Mangoré, o “mágico das seis cordas”. Nitsuga é como se lê Agustín ao contrário e Mangoré foi um chefe guarani que, segundo a lenda, morreu de amor. A partir de então, o músico passaria à imortalidade como Agustín Pío Barrios Mangoré, o “cacique do violão”. Quando da apresentação no Brasil, teria manifestado:

Tupá, el espíritu supremo y protector de mi raza, encontreme un día en un bosque florecido y me dijo: "Toma esta caja misteriosa y descubre sus secretos". Y encerrando en ella todas las avejillas canoras de la floresta y el alma resignada de los vegetales, la abandonó en mis manos. Tomela, obedeciendo el mandato de Tupá, poniéndola bien junto al corazón; abrazado a ella pasé muchas lunas al borde de una fuente. Y una noche, Jasy, retratada en el líquido cristal, sintiendo la tristeza de mi alma india, dióme seis rayos de plata para con ellos descubrir sus arcanos secretos, y el milagro operó: desde el fondo de la caja

misteriosa, brotó la sinfonía maravillosa de todas las voces vírgenes de la naturaleza de América.⁷

O que pode parecer uma brusca mudança de personalidade, era uma profunda transformação na identidade de Barrios Mangoré como músico e como paraguaio a ponto de legitimar sua vocação musical e sua idoneidade através da mística de uma lenda guarani. O “cacique do violão” apareceu assim nos cenários em que se apresentou até seu falecimento em El Salvador, em 1944 (CUÉLLAR BARANDIARÁN, 2018). Provavelmente, Barrios se nutriu tanto do revisionismo quanto do indigenismo latino-americano.

As manifestações musicais transitaram entre o clássico e o popular, mas num diálogo crescente com o vernáculo. Assim como Mangoré, na música clássica, no canto popular destacou-se Emiliano R. Fernández, sempre lembrado como compositor, intérprete e soldado. Filho de um ex-combatente da Guerra *Guasu*, lutou na Guerra do Chaco (ROMERO, 2000). Pela sua origem popular e como testemunha de ambos os conflitos, suas letras refletiam os interesses e os códigos culturais das tropas. Fernández escreveu em *jopará* e foi decididamente a favor da reivindicação de Francisco Solano López. Suas letras foram difundidas pela revista *Okara poty* no campo de batalha, no Chaco, estimulando o patriotismo entre os combatentes (CHAMORRO CRISTALDO, 2013, p. 42).⁸

Artistas como Fernández e publicações como *Okara poty* contribuíram decididamente na apropriação da história lopista por parte dos setores populares a partir dos anos 1930, favorecendo o apoio ao recrutamento e à luta contra a Bolívia. Em 1936, com o golpe liderado pelos oficiais que tinham lutado no Chaco e o fim da hegemonia liberal, os colorados – cuja base social estava no espaço rural, representada pelos camponeses analfabetos e descalços (*pynandis*) que falavam o *jopará* – tiveram no revisionismo e nestas expressões culturais que exaltavam o lopismo sua principal base simbólica para “conquistar” o poder a partir dos anos 1940 e manter sua hegemonia até o presente, excetuando o interregno de Fernando Lugo (2008-2012).

Do mesmo modo que durante o moriniguismo, o stronismo também fez uso dos meios de comunicação para continuar arengando contra a Tríplice Aliança “libero-franco-comunista que busca semear o ódio e dividir a família paraguaia” e para cooptar o apoio da população através das

⁷ Berta Rojas (2016) é uma das mais importantes intérpretes paraguaias de Agustín Barrios. Ela leu estas palavras num programa televisivo. Sobre a vida do músico, foi produzido o filme *Mangoré, por amor al arte* (2015), retratando sua trajetória e sua incansável busca pela inspiração mística.

⁸ Só pela sua participação na guerra valia sua consagração como herói, mas seu papel fundamental para estimular a combatividade dos soldados justificou, em 2011, que seus restos mortais fossem trasladados ao Panteão Nacional dos Heróis (LOS RESTOS, 2011).

“polcas coloradas” (NOGUERA, 2018, p. 48). Para isso, o governo obrigou todas as radiodifusoras do país a transmitir, duas vezes por dia, o programa “A voz do coloradismo”.

Como contrapartida, surgiu a versão paraguaia do Novo Cancioneiro Latino-Americano. O movimento, identificado como música de protesto, surgiu nos anos 1960, com a expansão das ditaduras militares no continente. Mais do que ter uma preocupação com a qualidade musical, os autores e músicos engajados no movimento priorizaram o conteúdo das letras para mobilizar a população na defesa dos Direitos Humanos, na luta pela redemocratização ou pela revolução socialista segundo os países. Eram artistas comprometidos com a “causa do povo” para denunciar as injustiças e lutar pela libertação (ARETZ, 1977).

No Paraguai, a “canção da resistência” teve suas particularidades. A principal, como seus próprios integrantes manifestaram, é que os músicos paraguaios organizaram o Novo Cancioneiro Paraguaio sempre sob a ditadura, diferentemente de seus pares latino-americanos, que cantaram em momentos de transição ou de democracia (DOCUMENTÁRIO, 2020). Segundo Carlos Noguera (2019), o movimento surgiu nas universidades, na tentativa de criar uma nova expressão cultural e política, em oposição à convivência dos partidos liberal e colorado, os quais legitimavam a ditadura, participando do jogo eleitoral fraudulento que “elegia” Stroessner a cada cinco anos. Seus integrantes criaram, além dos grupos musicais e teatrais, jornais e canais de diálogo com as organizações camponesas e operárias, especialmente após a reforma constitucional de 1967, que consolidou o regime, aprovando a reeleição indefinida do presidente, com o aval dos dois partidos mais importantes do país.

O movimento seguiu ao longo das décadas de 1970 e 1980, mantendo-se alguns grupos após a queda de Stroessner. *Canto de Esperanza*, do próprio Noguera, converteu-se praticamente no hino do Novo Cancioneiro Paraguaio – canção apresentada em 1971, sonhando “um tempo melhor”. A mudança levou duas décadas para chegar, mas seus integrantes tinham clareza de que a “música é uma arma de luta indispensável” (NOGUERA, 2019, p. 71). Desse modo, a música – que podia ser espaço de legitimação dos autoritarismos – também poderia se converter numa trincheira contra a ditadura. Muitos dos integrantes do Novo Cancioneiro Paraguaio sofreram a repressão do stronismo; apesar disso, introduziram um contrapeso à memória oficial construída sobre os mitos consagrados pelo revisionismo, permitindo novas leituras sobre o passado e sobre o presente.

Embora, na atualidade, o Paraguai continue sendo governado por aqueles setores do coloradismo vinculados ao stronismo, ações de resistência, como a do Novo Cancioneiro, formaram as gerações seguintes de artistas – que continuam denunciando os compromissos de alguns grupos com esse passado autoritário. Vale a pena apresentar, a título de exemplo, *Adiós, General*, de Garage 21. Entretanto, o passado oitocentista continua sendo ressignificado numa história de tempo

presente, em que as marcas das guerras é parte da identidade nacional, como deixou registrado Augusto Roa Bastos (s/d) em seu poema *Los Hombres*, interpretado por *Los Juglares*:

Tan tierra son los hombres de mi tierra
que ya parece que estuvieran muertos;
por afuera dormidos y despiertos
por dentro con el sueño de la guerra.

Tan tierra son que son ellos la tierra
andando con los huesos de sus muertos,
y no hay semblantes, años ni desiertos,
que no muestren el paso de la guerra.

De florecer antiguas cicatrices
tienen la piel arada y su barbecho
alumbran desde el fondo las raíces.

Tan hombres son los hombres de mi tierra
que en el color sangriento de su pecho
la paz florida brota de su guerra.

Se as marcas das guerras, da terra e da cultura guarani são indeléveis, uma ação na contramão vem sendo desenhada de forma paralela, na tentativa de se reapropriar e ressignificar os relatos sobre o passado, no intuito de reinventar uma memória coletiva e de reconstruir um presente que não neguem o conflito para sonhar com um futuro menos violento e menos desigual.

Nesse caminho, os integrantes do Novo Cancioneiro Paraguaio tinham conciliado a produção musical com conteúdo social, mantendo a redação das letras em guarani e em espanhol. O fenômeno confirma tanto o compromisso do movimento, quanto o domínio da língua guarani como uma realidade difundida entre os setores letrados que se reapropriaram dela para denunciar os atropelos do stonismo.

Por exemplo, Juan Manuel Marcos produziu letras de cunho social, as traduziu ao guarani e cantou os personagens históricos da Guerra *Guasu* pela perspectiva de um movimento cultural opositor à ditadura. Com isso, ele não rompia com os elementos simbólicos do revisionismo, mas os situava em um lugar diferenciado no mapa das representações. A capacidade de “traduzir” e “ressignificar” se estendia a outros momentos da história paraguaia ou da religiosa. Em 1971, Manuel Marcos apresentava sua obra *Ñande Jara Rekove*, em guarani, salientando o caráter revolucionário de Jesus Cristo. Poucos anos depois, outra obra sua remetia-se ao movimento *comunero*, representado como o primeiro “Grito de liberdade” do continente (NOGUERA, 2018, p. 74-81).

Considerações finais

A transição para a democracia, após a queda de Stroessner, favoreceu a atividade acadêmica sem as restrições temáticas e metodológicas da ditadura. A profissionalização da escrita da história foi possível com o retorno de intelectuais exilados e com a formação de uma nova geração de historiadores, os quais têm se debruçado sobre a pesquisa de aspectos antes vedados, porque, justamente, traziam à superfície os conflitos e as tensões do processo histórico nacional.

Nos anos 1990, Milda Rivarola (1996) alertava sobre a negação do conflito no período pré-hispânico e durante a colonização espanhola na narrativa revisionista. Ao invisibilizar outros grupos indígenas que não fossem de raiz guarani, cometia-se o primeiro ato de negação, enquanto que, ao falar de mestiçagem harmônica entre índios e espanhóis, davam-se os alicerces para negar a diversidade étnica, social, econômica e política da sociedade paraguaia. Por fim, ao considerar o guarani apenas por seus elementos linguísticos e mitológicos, tentava-se evitar considerações sobre as lutas dos povos originários – bem como de outros grupos sociais subalternos – tanto no passado quanto no presente.

Esta sucessão de negacionismos na história cunhada pelos revisionistas paraguaios tem deixado marcas indeléveis, justamente das quais os historiadores tentam se desvencilhar para estudar o passado a partir de novas fontes, metodologias e perspectivas de análises. Continua sendo uma tarefa extremamente difícil quando esses relatos formam parte do imaginário coletivo, dos símbolos que foram institucionalizados e que são recriados permanentemente – como bem mostra o anúncio publicitário de prevenção da pandemia atual.

O revisionismo é uma história ensaística que impregnou de forma hegemônica a narrativa sobre o passado da nação paraguaia, mas que também perpassa as fronteiras da história nacional, sendo possível encontrar os mesmos relatos nos livros didáticos dos países que integravam a Tríplice Aliança do século XIX. Mas, dá-se uma combinação especificamente paraguaia, entre o nacionalismo e o revisionismo, ainda dominante no Paraguai e que se consagrou com o triunfo na Guerra do Chaco. Coincidindo com Rivarola (1996, p. 55), na busca dos “mitos restauradores”, os “autores nacionalistas” – revisionistas – os criaram “sem reparar demasiado em princípios de rigor científico e honestidade intelectual”.

Referências

ÁLVAREZ, Mario Rubén. *Lo mejor del folklore paraguayo*. Assunção: El Lector, 2002.

ARETZ, Isabel. *América Latina en su música*. México: UNESCO/Siglo XXI, 1977.

BENÍTEZ, Luis G. *Breve Historia de Grandes Hombres*. Assunção: Industrial Gráfica Comuneros,

1986. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/488_guillermo_molinas_rolon.html>. Acesso em: 15 dez. 2013.

BREZZO, Liliana. Historiadores paraguayos y argentinos a comienzos del siglo XX: vínculos privados y visiones laterales del pasado. IN: MOREIRA, L. F. V. (Coord.). *Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana*. Curitiba: Juruá, 2007.

_____. El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. Questões do tempo presente. 2014. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/67479?lang=pt>>. Acesso em: 23 set. 2015.

CHAMORRO CRISTALDO, Eduardo M. Nacionalismo cultural paraguayo en la obra de Emiliano R. Fernández en el contexto de la Guerra del Chaco entre Bolivia y Paraguay (1932-1935). *Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales*, v. 9, n. 1, jul 2013.

CONSTITUIÇÃO 1967. Disponível em: <<https://reformaspoliticas.files.wordpress.com/2015/03/paraguayconstitucion1967.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2020.

CONSTITUIÇÃO 1992. Disponível em: <<https://pdpa.georgetown.edu/Constitutions/Paraguay/para1992.html>>. Acesso em: 18 out. 2020.

CUÉLLAR BARANDIARÁN, Guillermo. *Mangoré: El cacique de la guitarra en El Salvador*. San Salvador: Secretaría de Cultura de la Presidencia, 2018.

DOCUMENTARIO *Nuevo Cancionero* – La voz de los sin voz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SaGvHmMAj3c>>. Acesso em: 20 maio 2020.

DNM. Direção Geral de Migrações (Paraguai). Publicado em 21 abril 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DGMParaguay/videos/547655695936032>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

DOMÍNGUEZ, Manuel. Causas del heroísmo paraguayo. In: DOMÍNGUEZ, Manuel. *El alma de la raza*. Buenos Aires: Ayacucho, 1946.

EDITORIAL A manera de programa. *Guaranía*, Ano I, Nº 1, Assunção, 20/11/1933, p.1.

EDITORIAL La conjura. *Guaranía*, Ano 2, Nº 15, Assunção, 20/01/1935, p.1.

EDITORIAL La conquista del petróleo. *Guaranía*, Ano II, Nº 20, Assunção, 20/06/1935.

EDITORIAL La victoria paraguaya vigoriza nuestros antiguos derechos. *Guaranía*, Ano 1, Nº 2, Assunção, 20/12/1933, p.1.

FRENCH, Jennifer L. Traumatismo y la nación telúrica: La raíz errante de J. Natalicio González. In: CASAL, J. M. e WHIGHAM, T. *Actas de las IV Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay* en la Universidad de Montevideo. Assunção: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, Facultad de Humanidades, 2015.

FUENTES ARMADANS, Claudio. J. *La maldición del legionario*. Cómo se construyó un estigma político autoritario en el Paraguay. Assunção: Tiempo de Historia, 2016.

QUINTEROS, Marcela Cristina. *A Guerra Guasu na construção da identidade nacional no Paraguai*

GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. *La guerra civil de 1947*. Assunção: El Lector, 2013. (Coleção Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 14).

GONZÁLEZ, Juan Natalicio. *El Paraguay Eterno*. Assunção: Guaranía, 1935.

GONZÁLEZ DELVALLE, Alcibíades. *El drama del 47*. Documentos secretos de la Guerra Civil. Asunción: El Lector, 1987.

_____. *La Hegemonía Colorada (1947-1954)*. Assunção: El Lector-ABC Color, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, N° 12).

GONZÁLEZ Y CONTRERAS, Gilberto. *J. Natalicio González*. Descubridor del Paraguay. Assunção: Guaranía, 1951.

LONG, Huey. La Finanza Imperialista de Norte América. Primer discurso del senador Huey Long sobre la cuestión del Chaco, pronunciado en el Senado norteamericano en sesión de 30/05/1934 (Trad. De Pablo Max Ynsfrán). *Guaranía*, Ano II, N° 13, Assunção, 20/11/1934, p.13.

LONG, Huey. *The man, his mission and legacy*. Disponível em: <<http://www.hueylong.com/life-times/impeachment.php>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

LOS RESTOS de Emiliano R. Fernández reposan en el Panteón de los Héroes. *Última Hora*. 04 outubro 2011. Disponível em: <<https://www.ultimahora.com/los-restos-emiliano-r-fernandez-ya-reposan-el-panteon-los-heroes-n469137.html>>. Acesso em: 30 out. 2020.

MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay después de la Guerra*. Assunção: Occidente, 2011.

MONTIEL, Rubén. Mangoré y la leyenda de la guitarra embrujada. *ABC Color*. 04 out. 2014. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/periodismo-joven/mangore-y-la-leyenda-de-la-guitarra-embrujada-1292293.html>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

MORA, F. O. e COONEY, J. W. *El Paraguay y Estados Unidos*. Assunção: Intercontinental, 2009.

MOREIRA, Luis Felipe V. Uma busca incessante da identidade nacional: a intelectualidade paraguaia na primeira metade do século XX. *Silabario*. Revista de Estudios y Ensayos Geoculturales, N° 9, Córdoba, 2006.

_____. La intelectualidad paraguaya durante la primera mitad del siglo XX: un debate identitario. *Estudios Paraguayos*, Vol. XXVIII, N° 1 y 2, Assunção, 2010.

NOGUERA, Carlos. *La canción de la resistencia*. La música en tiempos de dictadura. Assunção: Arandurá, 2019.

O'LEARY, Juan E. El primer héroe de Nanawa. *Guaranía*, Ano I, N° 2, Assunção, 20/12/1933, p.6.

QUINTEROS, Marcela Cristina. *Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 2016.

RIVAROLA, Milda. Filosofías, pedagogías y percepción colectiva de la Historia en el Paraguay.

QUINTEROS, Marcela Cristina. A Guerra *Guasu* na construção da identidade nacional no Paraguai

Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia. Vol. XXXVI, Assunção, 1996.

ROA BASTOS, Augusto. *El origen y la evolución de la Guaraní*, 1944. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalle.php?id_obras=11703>. Acesso em: 15 dez. 2013.

_____. *Los Hombres*. s/d. Disponível em: <<http://casameralatina.pt/2017/02/02/ano-do-centenario-de-augusto-roa-bastos/>>. Acesso em 26 jun. 2020.

ROJAS, Berta. Berta Rojas ejecutando la guitarra de Barrios. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oa3KZrHfG68>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ROMERO, Roberto A. *Emiliano R. Fernández*. Mito y realidad. Assunção: Servilibro, 2000.

SANSÓN CORBO, Tomás. La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones? *Diálogos*, Vol.19, No. 3, Maringá, Set.-Dez. 2015.

SCAVONE YEGROS, Ricardo. Guerra internacional y confrontaciones políticas (1920-1954). In: TELESKA, Ignacio (Coord.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus, 2010.

SZARAN, Luis. Historia de la música. In: TELESKA, Ignacio (Coord.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus, 2010.

VELÁZQUEZ SEIFERHELD, David; D'ALESSANDRO, Sandra. *Relaciones entre autoritarismo y educación en el Paraguay (1869-2012)*. Un análisis histórico (Vol.III: 1954-1989). Assunção: SERPAJ-PY, 2018.

VERÓN, Luis. *El 23 de octubre de 1931*. Asunción: El Lector, 2013. (Colección Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 11).